



Entre os territórios da arqueologia, da arquitetura e do arquivo

Sérgio Alexandre Gomes | CEAACP - Universidade de
Coimbra | DMPC - CM Porto

Neste texto vou falar do modo como tenho desenvolvido o diálogo entre três territórios: a arqueologia, a arquitetura e o arquivo. No modo como vou encenar este diálogo haverá qualquer coisa de biográfico; qualquer coisa de biográfico no sentido em me refiro à minha formação enquanto arqueólogo e ao modo como, nesta formação, se foi estabelecendo o diálogo entre estas áreas. Este percurso iniciou-se num contexto de formação em artes, ou na exploração dos limites e das possibilidades deste contexto, tendo-se optado, assim, pela sua apresentação nesta secção da revista. Para além disto, o

próprio título da secção apela a uma ideia de território(s) a explorar, sendo também este o exercício que esteve na base do processo de redação deste texto. Com efeito, é a exposição da cartografia de um percurso que se apresenta: um conjunto de espaços, de acasos e de escolhas que, no espaço ficcional proporcionado pela *carta*, uma encenação da compreensão de territórios nos interstícios de diferentes disciplinas.

Durante o Liceu, frequentei a área de Estudos Visuais. Até entrar a faculdade, atraía-me a área do Design. Gostava de objetos, de todo o tipo de objetos; e gostava do trabalho de os transformar. Quando me candidatei à Faculdade de Belas Artes, tive de fazer uma prova de Desenho e, nesse momento, apercebi-me do desfasamento entre o exame que tinha pela frente e a minha prática de desenho.... constatando que dificilmente conseguiria ultrapassar este obstáculo. Nesse momento, repensei o que poderia fazer. No fundo, enquanto um designer em formação, pensei na minha situação e nos recursos que tinha para a re-desenhar. Lembro-me de consultar uns guias de candidatura ao ensino superior para saber dos cursos e das provas de acesso, nos quais vi o curso de História, variante Arqueologia, cuja prova de acesso era História.

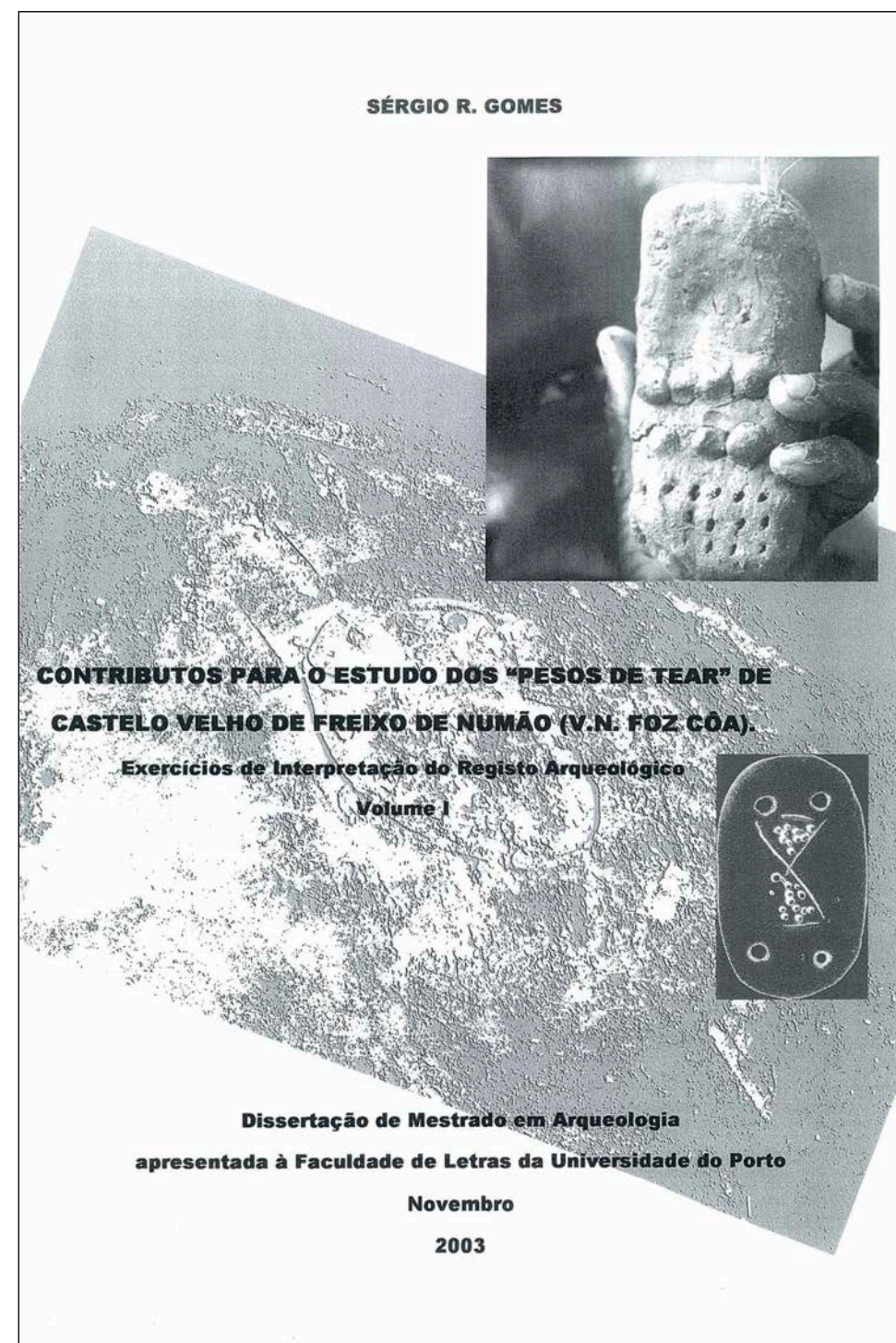
Mais do que a História, ou a História de Arte, a arqueologia seduziu-me porque, na altura, pareceu-me que havia qualquer coisa de comum entre o trabalho com os artefactos das escavações e o trabalho com os objetos dos projetos de design. Eu já conhecia esta semelhança entre o trabalho do designer e o trabalho de quem estuda o passado das aulas de História de Arte; mas agradava-me mais o trabalho dos arqueólogos: primeiro, porque as coleções de artefactos, ou de objetos, me pareciam mais heterogéneas e mais abrangentes do que aquelas que estudava em História de Arte; e, segundo, porque pouco sabia de arqueologia e, nessa medida, tudo me parecia mais interessante!



Fotografia de Reinout van den Bergh.
Imagem disponível a partir de: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=410156412379873&set=ecnf.100001565539048>

Durante a licenciatura, conheci vários objetos, várias pessoas, várias estações arqueológicas e vários projetos e linhas de pesquisa, alguns dos quais seriam determinantes na minha formação. Neste conjunto de objetos, pessoas e sítios arqueológicos, gostava de destacar o conjunto de pesos de tear da estação Castelo Velho de Freixo de Numão, um recinto da Pré-história Recente, localizado em Vila Nova de Foz Côa, cuja investigação estava a cargo de Susana Soares Lopes. Com estes pesos de tear acabaria por desenvolver a pesquisa para a minha dissertação de mestrado (Gomes 2003).

Ao fazer este trabalho, começou a ser criado um diálogo entre a arqueologia e a arquitetura. Estava em discussão o papel deste tipo arquitetónico – os recintos murados – no contexto das dinâmicas de territorialização e consolidação do sistema agro-pastoril da Pré-história europeia. O que estava em causa, era a desmistificação de uma imagem de povoado fortificado – ou fortificação – construída por propostas interpretativas da corrente histórico-cultural e da corrente processual. No âmbito destas correntes, os recintos eram interpretados como o resultado de pressões demográficas (decorrentes de migrações ou crescimento interno de populações), que teriam proporcionado a complexificação de dinâmicas sociais e modos de produção, estabelecendo um regime de competição por recursos, no qual a estratégia de fortificar espaços teria sido a resposta lógica por parte de comunidades sedentárias cada vez mais dependentes dos seus territórios de exploração.



O Castelo Velho de Freixo de Numão foi estudado para demonstrar a inoperatividade de tais propostas interpretativa (ver Lopes 2020). Salientando que o sítio, a par de outros sítios peninsulares, não apresenta indícios que permitam sustentar a explicação da construção de povoados fortificados. Isto é, não há elementos que, de modo inequívoco, atestem uma interação, a complexificação e a intensificação de relações intra e inter-comunidades que suportariam um tal estado de competitividade, justificando o aparecimento de territórios polarizados em torno fortificações, que teriam como objetivo albergar pessoas e bens e vigiar os recursos territoriais. Face a isto, era importante perguntar de que serve analisar um dispositivo arquitetónico em arqueologia. E face a esta pergunta, entender a arquitetura como uma prática de delimitação espacial e temporal, na qual se congregam diferentes materiais, e com os quais se recriam as condições de ação: os limites e as possibilidades da ação. Quer isto dizer que o inquérito arqueológico deveria fazer-se acompanhar do pensamento dos arquitetos no seu processo de recriação das dinâmicas temporais e espaciais para compreender o registo arqueológico. Tal estratégia implica uma inversão da orientação do inquérito em arqueologia que, animado pela metáfora do detetive, tende a desenvolver-se numa lógica de causalidade – de causa/efeito – procurando no registo os efeitos de determinadas causas. No diálogo entre a arqueologia e a arquitetura, os recintos deixam de ser discutidos à luz de um inquérito que privilegiava o conhecimento da sua função num processo de territorialização e consolidação do sistema agro-pastoril, para serem analisados enquanto lugares cuja construção, estando associada a tal

processo, participa enquanto condição – e não como efeito – para a emergência de unidades territoriais e identitárias.

Nesta inversão, os recintos tornam-se um objeto de análise para discutir as possibilidades de devir destas comunidades; arrastando consigo todos os outros objetos, designadamente os pesos de tear. Na tese de mestrado, tentei afastar-me da relação imediata entre estes artefactos e o sistema técnico da tecelagem, tentando compreender o modo como teriam participado na construção deste lugar. Em linhas gerais, deixei de ter em conta os pesos como um indício de uma determinada atividade – a tecelagem – e prestei mais atenção ao modo como participavam na delimitação das possibilidades de ação no Castelo Velho. Nesta direção do inquérito, e com base na análise contextual, tentei pensar os pesos como dispositivos que, na sua articulação com outros dispositivos, potenciavam a transformação das dinâmicas sociais em que se encontravam a participar.

Os contextos dos pesos de tear pareciam ironizar com a tecelagem de formas muito distintas: os pesos apareciam em grupos ou isolados; apareciam em associação com restos humanos; dentro do murete delimitador do recinto; ou na base das estruturas.... reportando-nos, com essa ironia, para uma onírica prática de deposição de objetos, na qual eram congregados diferentes elementos e negociados os seus sentidos. Parecia existir um entrelaçamento entre as práticas de deposição e de arquitetura, que eu não sabia compreender...



Castelo Velho de Freixo de Numão. Fotografia de S. Gomes.

Os pesos de tear não eram pesos de tear, pareciam ser outra qualquer coisa; e nessa condição de outra qualquer coisa desafiava o que se podia pensar sobre a arquitetura do recinto. No final do mestrado, apercebi-me da minha fragilidade enquanto intérprete dos vestígios do passado e pensei que estudando a história da arqueologia, talvez viesse a compreender melhor essa fragilidade. Interessava-me compreender o projeto biopolítico em que surge a possibilidade de me fazer arqueólogo, e compreender as dinâmicas de subjetivação com as quais me faço arqueólogo e interprete do passado.



Fragmento - Foto Ribeiro/1954/ELM - Coleção Emília Lucena e Melo, extraído de Vieira 2010: 8.

Para doutoramento escolhi pesquisar a história da arqueologia durante Estado Novo, no sentido de compreender a dinâmica entre as condições de um contexto histórico específico e os sentidos que os arqueólogos produzem a partir dos vestígios do passado. Desta pesquisa resultou uma dissertação a que dei o título: “O Passado, a identidade e as teias do governo. Estudos sobre os entrelaçamentos das práticas de produção do conhecimento arqueológico e de construção da identidade nacional salazarista” (Gomes 2011). Ao desenvolver este estudo, a história da arqueologia fez-me aproximar do(s) território(s) do arquivo, na medida em que deveria consultar arquivos para desenvolver o estudo.

A reta final do doutoramento coincidiu com o início de uma outra atividade, na qual também tive de me aproximar da prática de arquivo. Quando terminou a bolsa que me permitiu fazer o doutoramento, surgiu a oportunidade de começar a trabalhar na empresa Arqueologia e Património, para participar na fase de estudos de pós-escavação dos trabalhos que esta empresa desenvolvia no âmbito do projeto Alqueva, no Baixo Alentejo. O meu trabalho era, fundamentalmente, o de fazer relatórios de escavações que tinham sido dirigidas por outros colegas. Nesta prática de relatórios, tinha de responder a um conjunto de solicitações de carácter administrativo – decorrentes do contexto em que se faziam estas escavações – e solicitações de carácter científico, associadas à natureza dos vestígios arqueológicos em análise. No fundo, o meu trabalho era o de organizar um arquivo: um arquivo das escavações para viabilizar a partilha dos resultados obtidos.

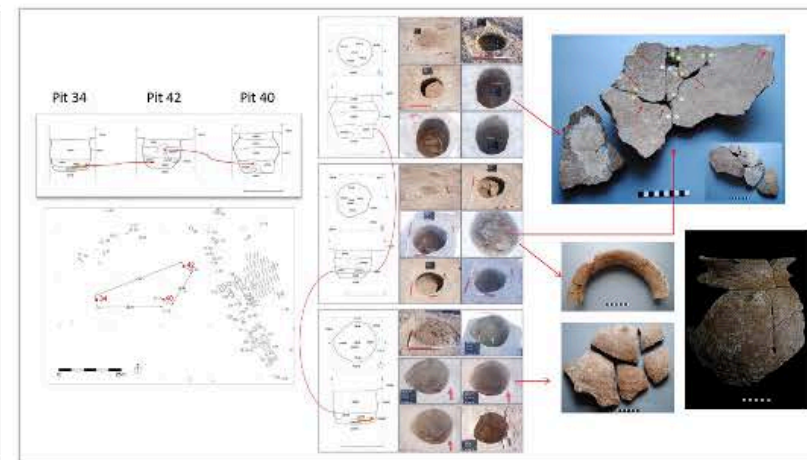
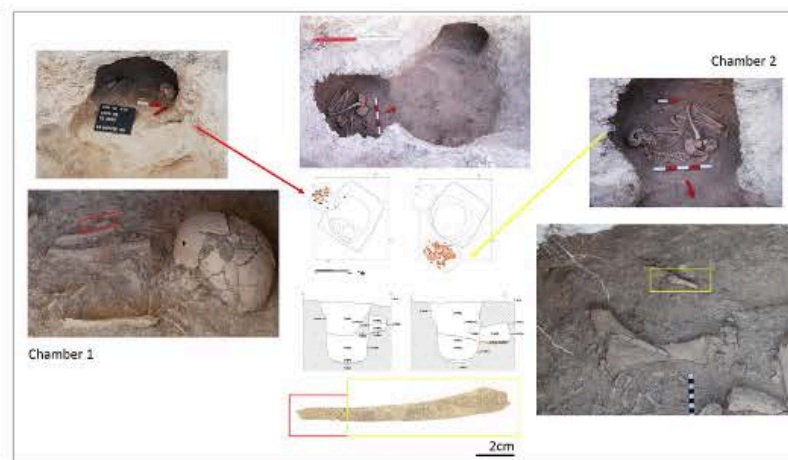
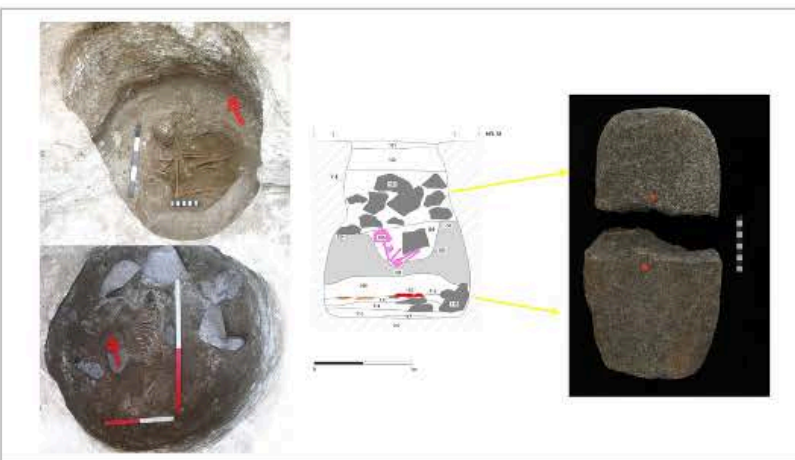
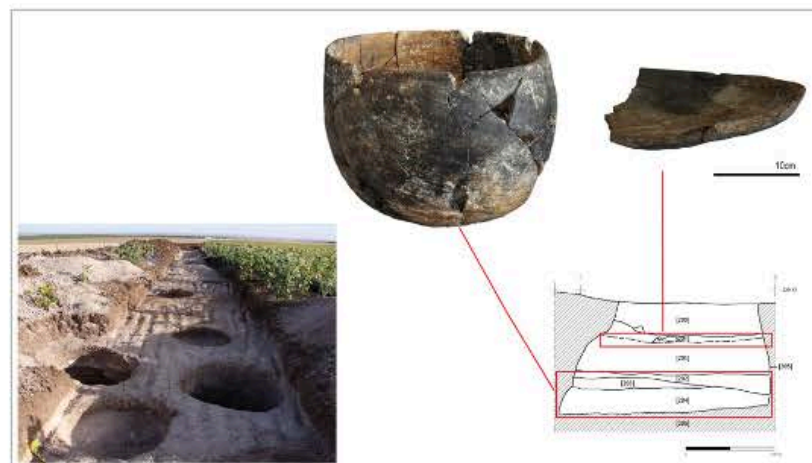
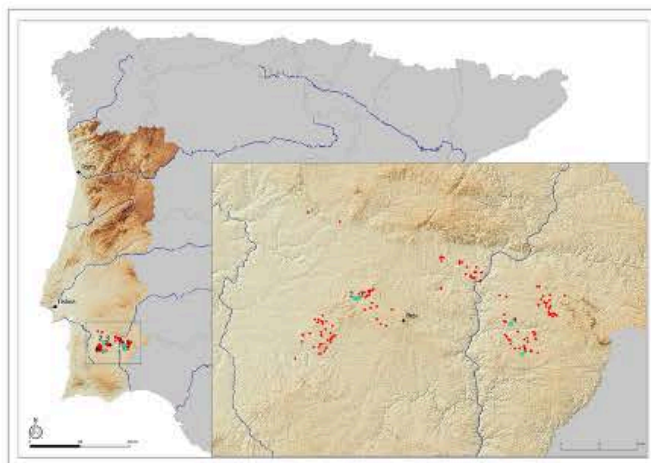
Sérgio Alexandre da Rocha Gomes

O PASSADO, A IDENTIDADE E AS TEIAS DO GOVERNO.
ESTUDOS SOBRE OS ENTRELAÇAMENTOS DAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
ARQUEOLÓGICO E DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL SALAZARISTA



Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
para obtenção do grau de Doutor em Arqueologia,
sob a orientação da Professora Doutora Susana Oliveira Jorge

Porto
2011



Exemplos de contextos de deposição (Gomes, Baptista 2017).

Nesta prática quase sempre dei particular atenção ao estudo de um outro tipo de arquitetura da Pré-história recente do Alentejo: a arquitetura em negativo, que se apresentava como conjunto heterogéneo de estruturas de diferente morfologia – fossas, recintos, valados, hipogeus, por exemplo – cujo enchimento era igualmente diverso (Gomes e Baptista 2017). Nos enchimentos, chamava-me a atenção uns contextos de deposição de natureza semelhante aos que tinha estudado no Castelo Velho. Chamava-me atenção e pesava-me a consciência em pegar neles e arrumá-los, em duas ou três linhas, nas folhas de um relatório, que por sua vez era inserido no processo, com um lugar à espera numa qualquer prateleira do arquivo da Direção Geral do Património Cultural.

Entre o doutoramento e os relatórios o arquivo tornou-se, para mim, um sinónimo de maceração. A fazer a tese, sentia-me macerado nos trabalhos de acesso aos arquivos; a fazer os relatórios, sentia que estava a macerar o trabalho dos meus colegas para o encaixar nos arquivos. Estava, por assim dizer, a sofrer de uma pressão de arquivo. E com este sentimento, li o ensaio do Derrida (1995), *Mal de Arquivo*. Na leitura deste texto, nesta voz de Derrida cujo sentido muitas vezes me escapa, fui compreendendo alguns dos traços de uma noção de arquivo que, com a sua força, me ajudou a contrariar o sentimento de maceração em que me encontrava. Derrida levou-me a ler a palavra arquivo, fazendo ver que nela se acolhe a palavra arkê e os princípios de começo e comando a que se reportam tal palavra. Um começo e comando que fazem do arquivo um lugar originário; um lugar a partir do qual se estabelecem as condições para a emergência e transformação do mundo. Um lugar de congregação e consignação que permite ensaiar a ligação entre diferentes forças físicas, históricas, ontológicas e nomológicas, possibilitando a emergência de outras entidades; jogando entre o peso da facticidade e a força da promessa.

Tal noção de arquivo – e as práticas de arquivo em que me encontrava – fez-me olhar para o registo arqueológico que me encontra a arquivar como sendo um diálogo entre práticas de arquivo e práticas de arquitetura. Comecei a olhar para as fossas, e para os seus enchimentos, como lugares de encontro nos quais a facticidade dos materiais é desafiada com ligações entre coisas que anteriormente estavam separadas; em que a facticidade e a promessa de um tempo por vir possibilita a emergência de novos espaços e novas entidades. Ao pensar nisto, as deposições, na sua con-fusão de coisas, deixaram de me fazer sentido como um resultado de uma prática de deposição, ou melhor, comecei a olhar para as deposições como uma prática de arquivo na qual, os princípios de origem e

comando, permitem a emergência de novas entidades; e a arquitetura, partilhando desses mesmos princípios, é uma prática para criar as condições para albergar essas novas entidades. Desta perspetiva, os sítios de fossas e os recintos murados parecem, assim, terem sido casas para acolher estas novas entidades, cuja existência se encontra intrinsecamente associada à casa que as fez nascer. Estes sítios parecem casas para uns corpos cuja natureza é outra e cuja anatomia se parece confundir com a própria casa que acolhe a sua existência. Arquivo e arquitetura são, então, práticas que – hospedando a arkhê – fazem emergir lugares de congregação de novas entidades; e de novas possibilidades discursivas (Gomes 2020).



Exemplos de contextos de deposição: associação entre haste veado e recipiente cerâmico - Montinhos 6 (Serpa), Idade do Bronze. Fotografia de L. Baptista, 2009.



(...) fazer sentido dos “arquivos da terra” (...) congregando os “traços das heranças” (...) entre as possibilidades discursivas de diferentes territórios e as transfigurações de (im)perceptíveis silêncios

Unicorn - Rebecca Horn, 1970-72.

Imagem disponível a partir: <https://www.rebecca-horn.de/pages-en/biography.html>

Para concluir, gostava de salientar que a palavra arqueologia acolhe também em si a palavra grega arkhê. Acolhe, juntando-a à palavra Logos. Nesta junção, a arqueologia tanto é um estudo do antigo (arkhaia + logia), como uma prática de indagação sobre as possibilidades de começo e comando de discurso (arkhê + logos). Em arqueologia, as palavras e as coisas, servindo de abrigo à arkhê, são condições para criar um discurso do passado; e na procura desse discurso, a arqueologia é uma prática de arquitetura porque delimita materialmente um conjunto de espaços e de tempos para **fazer sentido dos “arquivos da terra”**; e é uma prática de arquivo porque se desenvolve **congregando “traços das heranças”**. E, nestas práticas, excedem-se limites para proporcionar as condições da emergência de memórias por vir; lançando também as condições para o reconhecimento de objetos por parte de um arqueólogo/designer que procura **entre as possibilidades discursivas de diferentes territórios e as transfigurações de (im)perceptíveis silêncios**.

Referências bibliográficas

Derrida, J. & Prenowitz, E. (1995). Archive Fever: A Freudian Impression. *Diacritics*, 25(2), 9-63. doi:10.2307/465144

Gomes, S. 2003. *Contributos para o estudo dos "pesos de tear" de Castelo Velho de Freixo de Numão. Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2004. Disponível a partir: <https://catalogo.up.pt/>

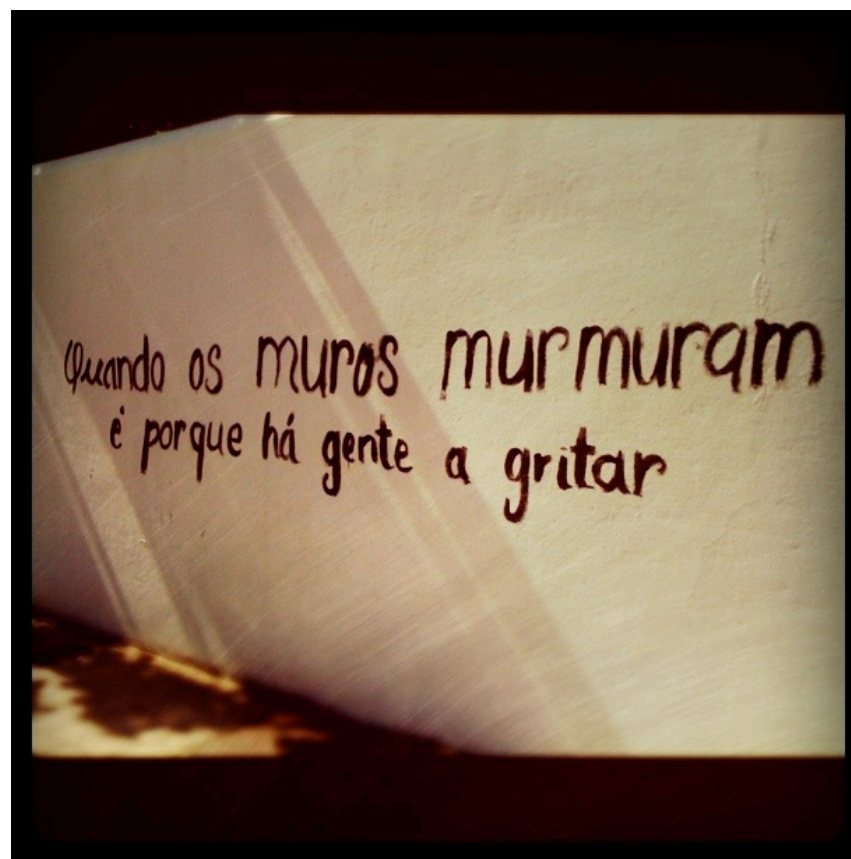
Gomes, S. 2011. *O Passado, a Identidade e as Teias de Governo. Estudos sobre os entrelaçamentos das práticas de produção do conhecimento arqueológico e de construção da Identidade Nacional Salazarista*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto Faculdade de Letras. <https://hdl.handle.net/10216/63187>.

Gomes, S., & Baptista, L. (2017). Arquitetura e Arquivo. Contributos para uma compreensão das estruturas em negativo da Pré-história Recente das colinas entre os Barrancos da Morgadinha e da Laje (Serpa, Beja). *Estudos Do Quaternário / Quaternary Studies*, (17), 89-122. <https://doi.org/10.30893/eq.v0i17.163>

Gomes, S.A. 2020. The Practice of Writing and the Archaeological Process: Exploring the Ineffable and the Fable as Means to Create Knowledge Through Past Materials. *Archaeologies* 16: 310–340. <https://doi.org/10.1007/s11759-020-09401-y>

Lopes, S.S. 2020. Trinta anos depois: para além do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Recintos murados e deposições da pré-história recente. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 4: 17-36. DOI: <https://doi.org/10.21747/09714290/port41a2>

Vieira, Joaquim 2010 *Fotobiografias do Século XX: António de Oliveira Salazar*, Lisboa: Círculo de Leitores.



“Pare, Escute e Olhe” | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira).

Quando os muros murmuram
é porque há gente a gritar

traços das
heranças

